

*PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E CLÍNICO
DA POPULAÇÃO DE IDOSOS
COM TRANSTORNO DEPRESSIVO*

Viviane Gregoleti¹
Silvana Alba Scortegagna²

resumo

Com o aumento da expectativa de vida, a depressão emerge como o transtorno mais frequente entre os idosos. Em países em desenvolvimento como o Brasil, esse fenômeno não tem sido suficientemente estudado para fornecer os elementos necessários ao desenvolvimento de políticas públicas adequadas à essa população. Sendo assim, este estudo objetivou identificar o perfil sociodemográfico e clínico de idosos diagnosticados com depressão assistidos em uma Unidade Básica de Saúde, do Rio Grande do Sul. Para tanto, realizou-se um levantamento nos prontuários clínicos de indivíduos com 60 anos e mais, considerando variáveis como idade, gênero, estado civil, medicação utilizada e tempo de consumo, atendidos

1 Graduada em Psicologia. Aluna do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo – UPF. Bolsista CAPES- Área Interdisciplinar. E-mail: vivigregoleti@yahoo.com.br

2 Graduada em Psicologia. Doutora em Psicologia pela Universidade São Francisco-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo – UPF. E-mail: silvanalba@upf.br

no período de janeiro de 2013 a janeiro de 2014. Identificaram-se 144 prontuários, a maioria mulheres (72,23%), média de idade de 69,7 anos, casadas (78%). A medicação mais utilizada foi a fluoxetina (36, 12%), seguida da amitriptilina (24, 35%) e o tempo de consumo ficou entre dois a três anos (36,8%), seguida de um mês e um ano (29,87%). Desenvolver políticas públicas capazes de atender as mulheres idosas com depressão é uma necessidade premente diante das novas demandas que emergem no cenário brasileiro.

palavras-chave

Saúde Pública. Anção. Velhice. Unidade Básica de Saúde.

1 Introdução

O número de idosos cresce a cada ano. Entre 1950 e 2025 esse contingente deverá ter aumentado em 15 vezes no país. O Brasil ocupará o sexto lugar, alcançando, em 2025, cerca de 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (BRASIL, 2010). Com o envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida, há, inevitavelmente, o crescimento de várias desordens psíquicas, como a depressão.

Esta enfermidade vem se configurando como a mais comum entre os idosos (REBELO; PIRES; CARVALHO, 2013), o que confere a ela o status de mal da contemporaneidade (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010; TEIXEIRA, 2005). No Brasil, estudos conduzidos com a população idosa evidenciam que a prevalência da doença varia entre 19% e 34% nas diferentes regiões do país (BORGES et al., 2013).

Os transtornos depressivos são caracterizados pela American Psychiatric Association (APA), Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (2014), como a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas. Tais alterações afetam significativamente a capacidade de funcionamento social, profissional e outras áreas importantes da vida do indivíduo.

A etiologia da doença em idosos é complexa, variáveis biológicas, sociais, neurológicas e de personalidade, influenciam o seu surgimento. Vários fatores são comuns em qualquer idade, entretanto, existem evidências de que alguns deles são específicos dessa faixa etária (FUNNELL, 2010). Se, na população jovem e adulta de meia idade, a depressão aparece associada a aspectos emocionais e

cognitivos, como tristeza e negatividade, em idosos, ela surge associada a sintomas somáticos, como cansaço e fadiga, distúrbios do sono e do apetite, sentimentos de desesperança e pensamentos sobre a morte (GAZALLE et al., 2004). Os fatores mais preponderantes nos idosos são baixo nível de escolaridade, analfabetismo, dependência, idade avançada, precariedade nas condições de moradia, sexo e estado civil (GAO et al., 2009; MACIEL; GUERRA, 2006; TORIJA et al., 2007).

No entanto, com o envelhecimento, ocorrem várias alterações que podem dificultar o diagnóstico e o tratamento da depressão, como a presença de patologias crônicas, a diminuição da libido, o retardo psicomotor, os sintomas subjetivos de perda da concentração e da memória e alterações do sono (PARADELA, 2011). A modalidade mais utilizada para tratamento da depressão é o uso de antidepressivos (ROCHA et al., 2013). Considerando a relevância dos dados expostos, algumas pesquisas brasileiras relacionadas a essa temática foram realizadas na última década, e encontram-se compiladas nas Tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1 – Descrição de estudos brasileiros sobre a depressão de 2004 a 2010.

Autores/ Ano	Objetivos	Participantes	Resultados	Conclusão
Araújo; Bachion (2004)	Traçar um perfil da população idosa atendida por uma equipe do programa saúde da família na cidade de Goiânia.	73 idosos, com idades entre 60 a 89 anos.	Foi identificada a prevalência do sexo feminino, faixa etária de 60 a 64 anos, casados ou viúvos, analfabetos/semianalfabetos.	É necessário que as equipes do PSF realizem estudo da população de suas respectivas áreas para atuar de forma mais assertiva.
Gazalle et al. (2004)	Determinar a frequência de alguns sintomas depressivos em idosos, construir um escore, e avaliar a associação entre a média destes, com variáveis demográficas, socioeconômicas e comportamentais.	583 idosos com idades \geq a 60 anos.	Mulheres, indivíduos mais velhos, com menor escolaridade, com companheiro, sem trabalho remunerado, tabagistas atuais e que tiveram morte de familiar ou pessoa importante no último ano.	Estes resultados ressaltam a importância da avaliação da sintomatologia específica dos idosos, que parece diferente daquela verificada nos adultos jovens.

Continua

Continuação

Autores/ Ano	Objetivos	Participantes	Resultados	Conclusão
Floriano; Dalgalarondo (2007)	Avaliar as relações entre as dimensões da vida sociocultural, como rede social de apoio e religião, saúde mental e qualidade de vida em idosos de PSF.	82 idosos com idades \geq a 60 anos.	Dos 82 idosos, (57%) eram mulheres, (51%) com de idade de 60 a 69 anos, casados. Com pior QV os idosos que não recebem aposentadoria e que fizeram uso de benzodiazepínicos.	Idosos com menor escolaridade e renda tendem a ter pior QV e saúde.
Fernandes; Nascimento; Costa (2010)	Investigar fatores relativos à prevalência e determinantes de sintomas depressivos em idosos atendidos na atenção primária de saúde.	91 idosos com idades \geq a 60 anos.	Prevalência de sintomas depressivos entre 52% dos pesquisados. Teve prevalência de depressão em (77%) no sexo feminino (43%) idade entre 70-81 anos, baixo nível de renda e de escolaridade e (75%) moravam com familiares.	Requer dos profissionais da saúde, um processo reflexivo no âmbito da comunidade e da atenção básica, favorecendo, assim, a identificação e terapêutica precoce de casos.
Kronbauer et al. (2009)	Descrever como se distribui a população idosa em Santa Cruz do Sul - RS e, apresentar as ações da Universidade de Santa Cruz.	114.000 indivíduos com \geq a 60 anos.	Observou-se que a maioria dos idosos são mulheres, a faixa etária dos 60-64 anos.	Deve-se buscar melhoria nas condições sociais e de saúde dos idosos.

Como se pode verificar na Tabela 1, dos cinco estudos realizados sobre a depressão em idosos (\geq a 60 anos), no período de 2004 a 2010 destacam-se como resultados, a prevalência da doença no sexo feminino, com idades entre 60 a 80 anos e mais, casadas e seguido de viúvas, com nível de escolaridade e renda baixos. Nos estudos mais recentes, esta realidade ainda é evidenciada, como se pode verificar nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 – Descrição de estudos brasileiros sobre a depressão em 2012.

Autores/ Ano	Objetivos	Participantes	Resultados	Conclusão
Alvarenga; Oliveira; Faccenda (2012)	Verificar a estrutura fatorial da GDS e descrever o perfil social e analisar as respostas aos itens da GDS.	503 indivíduos com idades \geq a 60 anos.	69,0% eram mulheres, 53,1% não letrados, 53,7% tinham 70 anos ou mais e 34,4% apresentavam depressão.	Dentre os idosos com depressão, predominaram a apatia e o isolamento.
Ferreira; Tavares (2013)	Verificar a prevalência de idosos com indicativo de depressão, segundo sexo e faixa etária, e identificar os fatores associados ao indicativo de depressão.	1.297 idosos com 60 a 70 anos.	Há prevalência de depressão no sexo feminino, sem companheiro e na faixa etária entre 60-70 anos.	Há necessidade de implementar ações de promoção de saúde e prevenção de agravos, com enfoque para a depressão.
Gautério et al. (2012)	Caracterizar os idosos residentes em uma Instituição de Longa Permanência quanto ao uso de medicamentos e verificar a existência de polifarmácia.	39 idosos entre 80 e 89 anos.	Houve predominância de mulheres, com idade entre 80 e 89 anos, que sabem ler e são viúvas. 30,8% deles utilizavam polifarmácia, utilizando medicamentos para o sistema cardiovascular.	Espera-se sensibilizar os profissionais de saúde a promoverem o uso racional e cuidadoso de medicamentos para os idosos institucionalizados.
Munhoz (2012)	Verificar a prevalência dos sintomas depressivos em idosos nos serviços de atenção básica e os fatores demográficos e socioeconômicos associados.	4.003 idosos, com idades de \geq a 65 anos.	As mulheres apresentaram um risco maior para os sintomas depressivos. Aqueles com 80 anos ou mais. Os idosos com renda menor ou igual a um salário mínimo. E, os indivíduos sem escolaridade.	Os determinantes socioeconômicos (renda, escolaridade) parecem exercer um importante efeito sobre a saúde mental dos idosos.
Oliveira et al. (2012)	Avaliar a sintomatologia da depressão autorreferida por indivíduos em João Pessoa (PB).	240 idosos com idades \geq a 60 anos.	Houve maior frequência entre 71 a 76 anos, 31,0%, em mulheres 86,0%; os casados 41,3% e os viúvos 34,5% e os de 01 até 03 salários mínimos.	A sintomatologia da depressão em idosos apresenta relação com as condições socioeconômicas e culturais.

Na Tabela 2, entre os estudos realizados em 2012, destaca-se igualmente a prevalência de depressão no sexo feminino, com idade acima de 70 anos, viúvas seguidas de casadas, com nível de escolaridade e renda baixos. A seguir, na Tabela 3, descrevem-se os estudos realizados em 2013.

Tabela 3 – Descrição de estudos brasileiros sobre a depressão no ano de 2013.

Autores/ Ano	Objetivos	Participantes	Resultados	Conclusão
Reis et al. (2013)	Verificar associação entre necessidade de internação psiquiátrica e características sociodemográficas dos usuários diagnosticados com depressão.	1.281 idosos com idades entre 18 a ≥ 80 anos.	Com relação aos pacientes depressivos, 82% são mulheres, 74% possuem baixa escolaridade e 78% idade de 40 a 69 anos.	Tais resultados contribuem para a busca de estratégias de intervenção direcionadas às necessidades específicas desta clientela.
Rebello; Pires; Carvalho (2013)	Determinar a prevalência da depressão em pacientes com idade igual ou superior a 60 anos pertencentes ao Programa de Saúde da Família do Município de Nova Lima/MG, atendidos na Unidade de Saúde Mingú.	97 idosos com idades de ≥ a 60 anos.	Verificou-se que (74,2%) idosos são do sexo feminino, viúvos (49,5%), com moradia própria (94,8%) e com baixa escolaridade.	Fica evidente a necessidade de dirigir especial atenção a esta população, que tem aumentado significativamente.
Rocha; Werlang (2013)	Verificar a prevalência e o padrão de consumo por usuários de uma Unidade de Saúde da Família de Porto Alegre.	329 usuários com média de idade de 53,14 anos.	Prevalência de utilização de psicofármacos de 7,30%, e 72% de mulheres. A média de medicamentos e psicofármacos prescritos por usuário foi de 3,56 e 1,66, sendo os antidepressivos a classe mais utilizada.	Faz-se necessário elaborar estratégias para melhorar o acesso, tratamento dos usuários e uso racional de psicofármacos, incluindo a revisão das listas de medicamentos essenciais e a capacitação dos profissionais.

Continua

Continuação

Soares et al. (2013)	Identificar a prevalência de idosos na Estratégia Saúde da Família com sinais e sintomas de depressão, caracterizando-os.	376 idosos com idade \geq a 60 anos.	41% com suspeita de depressão, sendo 24% usuários de antidepressivos. Desses, 42,9% com idade entre 60-69 anos; 84% residentes na zona urbana e 16% na rural; 49,3% casados e 33,8% viúvos.	Tomam-se necessárias ações específicas voltadas à saúde do idoso, priorizando a prevenção e a promoção da saúde.
----------------------	---	--	---	--

Os quatro estudos referidos na Tabela 3 coadunam-se com os anteriores coligidos nas Tabelas 1 e 2. Eis que há, mais uma vez, o predomínio da doença no sexo feminino, com idades variadas entre idosas mais jovens, entre 60 e 70 anos, seguido de idosas mais velhas, com 80 anos e mais, com baixo nível de escolaridade e de renda familiar.

Esses estudos apontam que a depressão é prevalente no sexo feminino. Contudo há divergência entre os autores quanto a relação da doença com as variáveis situação conjugal e idade dos idosos. Nesse sentido, inquirir novos estudos com esta temática se mostra necessário.

Diante desta realidade a questão que se impõem à reflexão, diz respeito à constatação do fato de que além do valioso avanço científico que impulsiona a maior expectativa de vida, cada vez mais é necessário aportes que venham contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Neste sentido, não se pode compreender a velhice a deriva de sua interface com o contexto social, político e cultural no qual o idoso habita. No Brasil, especialmente, o processo de envelhecimento, necessita ser acompanhado das condições que permeiam o atendimento no sistema de saúde. Assim sendo, torna-se indispensável identificar o perfil sociodemográfico e clínico de idosos diagnosticados com depressão em uma Unidade Básica de Saúde USB.

2 Método

Estudo epidemiológico, retrospectivo, realizado por meio da análise dos prontuários clínicos de idosos com depressão, entre 60 e 100 anos de idade, no período de 01/01/2013 a 31/01/2014, totalizando 12 meses. O diagnóstico foi conduzido pelo médico da Estratégia Saúde da Família – ESF com base nas diretrizes da Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Os prontuários foram obtidos em uma UBS, localizada em uma cidade do interior do estado

do RS, com uma população total de 3.722 habitantes (IBGE, 2010). A população idosa, com idade igual ou maior que 60 anos, perfaz 504 habitantes, e encontra-se distribuída em 245 indivíduos do sexo masculino (48,61%), e 259 do sexo feminino (51,38%).

De posse da carta de autorização da instituição sediadora da pesquisa, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, sob o parecer de número 169.507, emitido em 12/12/2012, cumprindo-se, assim, as exigências da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A análise documental ocorreu nas dependências da UBS, entre os meses de janeiro de 2013 a fevereiro de 2014. Para atender ao objetivo proposto por este estudo, os prontuários foram caracterizados segundo as variáveis idade, gênero, estado civil, medicação utilizada e tempo de consumo. Outras variáveis como escolaridade, nível socioeconômico, condições familiares, não foram encontrados registros nos protocolos. O levantamento e a análise dos resultados contou com a estatística descritiva e com os aportes da literatura pertinente.

3 Resultados e discussão

Em um período de 12 meses, foram localizados 144 prontuários clínicos de idosos diagnosticados com depressão. Os dados relativos a idade, sexo, estado civil, medicação utilizada e tempo de consumo, encontram-se descritos na Tabela 4.

Tabela 4 – Caracterização sociodemográfica e clínica dos idosos com depressão.

Variável	Descrição	£	%
Idade	60-70	85	59,03
	71-80	40	27,77
	81-90	17	11,80
	91-100	2	1,40
Sexo	Masculino	40	27,77
	Feminino	104	72,23
Estado civil	Casado(a)	112	78
	Viúvo(a)	21	14
	Solteiro(a)	7	6
	Separado(a)	4	3

Continua

Continuação

Medicação	Fluoxetina	52	36,12
	Amitriptilina	35	24,35
	Clonazepan	26	18,05
	Diazepan	18	12,50
	Imipramina	9	6,25
	Nortriptilina	3	2,08
	Carbonato de Lítio	1	0,70
Tempo da medicação	1 mês a 1 ano	43	29,87
	2 anos a 3 anos	53	36,80
	4 anos a 5 anos	22	15,28
	6 anos a 7 anos	26	18,05

£ = Frequência, quantidade; % = Percentual.

Observa-se, na Tabela 4, que 72, 23% dos idosos com depressão eram mulheres, com uma média de idade de 69,70 anos, das quais 78% eram casadas. Estas características assemelham-se às tendências observadas nos estudos populacionais brasileiros (ALVARENGA; OLIVEIRA; FACCENDA, 2013; ARAÚJO; BACHION, 2004; FERNANDES; NASCIMENTO; COSTA, 2010; FERREIRA; TAVARES, 2013; GAZALLE et al., 2004; GAUTÉRIO et al., 2012; KRONBAUER et al., 2009; REBELO; PIRES; CARVALHO, 2013; REIS et al., 2013).

Em dados gerais, das 259 mulheres idosas que residem no município, 40,15% possuem depressão e foram atendidas pela UBS, enquanto que nos 245 homens idosos esse número é reduzido, perfazendo apenas 16,32%. Este resultado alerta para o fato de que, neste município, quase metade das mulheres idosas possuem depressão.

A doença em mulheres pode estar associada à vulnerabilidade do gênero. Fatores biológicos, hormonais, aspectos sociais e emocionais como a falta de apoio familiar, eventos estressantes na vida, aposentadoria, dificuldades nas relações interpessoais, e questões relativas à personalidade, podem ser considerados fatores de risco para o início da doença (ALVARENGA; OLIVEIRA; FACCENDA, 2013; ARAÚJO; BACHION, 2004; FERREIRA; FUNNELL, 2010; TAVARES, 2013; FERNANDES; NASCIMENTO; COSTA, 2010; GAZALLE et al., 2004; GAUTÉRIO et al., 2012; REIS et al., 2013; REBELO; PIRES; CARVALHO, 2013).

Quanto à idade dos idosos, obteve-se uma maior prevalência entre os mais jovens, com uma média de 69,70 anos. Este achado corrobora com os achados de outros estudos (ARAÚJO; BACHION, 2004; FERREIRA; TAVARES, 2013; FLORIANO; DALGALARRONDO, 2007). Porém, encontra-se em desacordo com os estudos de que evidenciam que a depressão em idosos se apresenta

mais comumente a partir dos 70 anos e, quanto maior a idade, maior a média de sintomas (ALVARENGA; OLIVEIRA; FACCENDA, 2013; FERNANDES; NASCIMENTO; COSTA, 2010; GAUTÉRIO et al., 2012; GAZALLE et al., 2004; MUNHOZ, 2012; OLIVEIRA et al., 2012; REIS et al., 2013). Para os autores, tal condição resulta do acúmulo de perdas físicas, psicológicas e sociais vivenciadas por estes ao longo da vida (FERNANDES; NASCIMENTO; COSTA, 2010). Percebe-se que a literatura não é conclusiva quanto à relação do fator idade e depressão.

O mesmo ocorre com o estado civil: não há um consenso sobre a sua relação com a depressão. Entretanto, no presente estudo, evidencia-se que a maioria dos idosos eram casados, o que também foi referenciado por outras pesquisas (ARAÚJO; BACHION, 2004; SOARES et al., 2012; OLIVEIRA et al., 2012). Para Araújo e Bachion (2004), tal fenômeno pode ser melhor explicado devido ao aumento na expectativa de vida, e por esta população, em geral, estar envolvida por valores morais em que o casamento deve ser para a vida toda, sob quaisquer circunstâncias.

As medicações mais utilizadas pelos indivíduos desse estudo, foram a fluoxetina e a amitriptilina. Estes resultados também foram evidenciados no estudo de Rocha e Werlang (2013). Em relação ao tempo de consumo, foi mais significativo entre 2 a 3 anos, seguido de 1 mês a 1 ano. Para os autores, é necessário elaborar estratégias para melhorar o tratamento dos usuários e uso de psicofármacos, incluindo a revisão das listas de medicamentos essenciais e a capacitação dos profissionais.

Embora esse estudo tenha trazido contribuições essenciais no sentido de conhecer os idosos do município que sofre de depressão que perfazem mais da metade da população geral, algumas limitações devem ser consideradas. Entre essas, destaca-se a falta de outras informações acerca das variáveis sociodemográficas e de saúde da população geral, ausentes nos prontuários clínicos, o que impossibilitou uma maior abrangência dos achados.

4 Conclusão

Este estudo respondeu ao objetivo proposto ao identificar o perfil socio-demográfico e clínico da população de idosos que sofre de depressão. Os resultados confirmaram os dados da literatura que apontam para o maior índice de depressão em mulheres, com uma média de idade de 69,7 anos, e situação conjugal de casadas (ARAÚJO; BACHION, 2004; FERREIRA; TAVARES, 2013; FLORIANO; DALGALARRONDO, 2007; ARAÚJO; BACHION, 2004; REBELO;

PIRES; CARVALHO, 2013; REIS et al., 2013; SOARES et al., 2012). Entre as medicações mais utilizadas, está a fluoxetina, seguida da amitriptilina (ROCHA; WERLANG, 2013).

Os resultados dessa pesquisa, de maneira geral, podem ser úteis para auxiliar a direcionar as políticas públicas voltadas ao tratamento e ao acompanhamento adequado destas mulheres que sofrem com a doença, pois estas perfazem mais da metade da população do município pesquisado. Especificamente, esse estudo contribuiu para a necessidade de se investigar junto aos prontuários destas pacientes outros fatores envolvidos no diagnóstico da enfermidade como escolaridade, nível socioeconômico, condições familiares.

Diante disso, suscitam-se novas pesquisas para se obter informações mais abrangentes a respeito das características dos idosos que sofrem de depressão no município. Para tanto, uma reformulação no sistema de prontuários será necessária, além do seguimento de estudos para incluir toda população idosa que faz uso de antidepressivo independentemente do local onde é retirado.

SOCIODEMOGRAPHIC AND CLINICAL PROFILE OF ELDERLY WITH DEPRESSIVE DISORDER

abstract

With the aging of the world's population and increased life expectancy, depression has emerged as the most common disorder among the elderly. In developing countries like Brazil, this phenomenon has not yet been sufficiently studied to provide the elements needed to develop appropriate policies public for this population. This way, this study aimed to identify the sociodemographic and clinical profile of elderly diagnosed with depression treated at a Basic Health Unit, in the state of Rio Grande do Sul. Therefore, we carried out a survey of the number of clinical records of people aged 60 and over, characterizing them according to age, gender, marital status, use of medication. The study included the period January 2013 to January 2014. There were identified 144 protocols, most women (72,23%) with an average age of 69.70 years, married (78%). The most used measurement was the fluoxetine (36,12%) and then amitriptyline (24,35%) and the time consumption was between 2 to 3 years, for (36,80%), followed by a month and a year to (29,87%). Develop public politics capable to attend elderly women with depression is a pressing need against the new demands that arise in the Brazilian scenario.

keywords

Public Health. Elderly. Old Age. Basic Health Unit.

referências

- ALVARENGA, Márcia Regina Martins; OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos; FACCENDA, Odival. Sintomas depressivos em idosos: análise dos itens da Escala de Depressão Geriátrica. *Acta Paul Enfermagem*, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 497-503, jan. 2012.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAÚJO, Lorena Aparecida de Oliveira; BACHION, Maria Márcia. Programa Saúde da Família: perfil de idosos assistidos por uma equipe. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 57, n. 5, p. 586-590, set./out. 2004.
- BORGES, Lucelia Justino; BENEDETTI, Tania R. Bertoldo; XAVIER, André Junqueira; D'ORSI, Eleonora. Fatores associados aos sintomas depressivos em idosos: estudo EpiFloripa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, n. 4, p. 701-710, ago. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento*. v. 12. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.
- CID-10 – Organização Mundial de Saúde. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- FERREIRA, Pollyana Cristina dos Santos; TAVARES, Darlene Mara dos Santos. Prevalência e fatores associados ao indicativo de depressão entre idosos residentes na zona rural. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, v. 47, n. 02, p. 401-407, abr. 2013.
- FERNANDES, Maria das Graças Melo; NASCIMENTO, Neilce Falcão de Souza; COSTA, Kátia Nêyla Freitas Macêdo. Prevalência e determinantes de sintomas depressivos em idosos atendidos na atenção primária de saúde. *Revista Rene*, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 19-27, jan./mar. 2010.
- FUNNELL, Emma. Depression in the elderly. *InnovAiT*, Liverpool, v. 3, n. 4, p. 199-208, Apr. 2010.
- FLORIANO, Petterson de Jesus; DALGALARRONDO, Paulo. Saúde mental, qualidade de vida e religião em idosos de um Programa de Saúde da Família. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 3, p. 162-170, ago. 2007.
- GAO, Sujuan et al. Correlates of depressive symptoms in rural elderly Chinese. *International Journal Geriatric Psychiatry*, Manchester, v. 24, n. 12, p. 1358-1366, dez. 2009.
- GAZALLE, Fernando Kratz; LIMA, Maurício Silva de; TAVARES, Beatriz Frank; HALLAL, Pedro Curi. Sintomas depressivos e fatores associados em população idosa no Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 365-371, jun. 2004.
- GAUTÉRIO, Daiane Porto et al. The characterization of elderly medication users living in long-term care facilities. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 46, n. 6, p. 1394-1399, dez. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades*. Porto Alegre: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=430005&idtema=16&search=rio-grande-do-sul%81gua-santa|sintese-das-informacoes>>. Acesso em: 6 jan. 2014.

KRONBAUER, Gláucia Andreza; OHLWEILER, Zelia Natalia Coletti; WIETZKE, Mônica; SEHNEM, Karla. Nossos velhos: perfil demográfico dos idosos de Santa Cruz do Sul. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 81-93, abr. 2009.

MACIEL, Álvaro Campos Cavalcanti, GUERRA Ricardo Oliveira. Prevalência e fatores associados à sintomatologia depressiva em idosos residentes no nordeste do Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 26-33, mar. 2006.

MUNHOZ, Tiago Neuenfeld et al. Sintomas depressivos em idosos residentes em áreas de atenção básica à saúde nas regiões sul e nordeste do Brasil. In: ENCONTRO DE POS GRADUAÇÃO UFPEL, 14., 2012, Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPEL, 2012. p. 1-136.

OLIVEIRA, Marcos Francisco de et al. Sintomatologia de depressão autorreferida por idosos que vivem em comunidade. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, p. 2191-2198, ago. 2012.

PARADELA, Emylucy. Depressão em Idosos. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, UERJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 31-40, jan./mar. 2011.

PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira; QUINTELLA, Rogerio Robbe; VERZTMAN, Julio Sergio. Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 147-168, mar. 2010.

REBELO, Therezinha de Jesus; PIRES, Regina Coeli Cançado Peixoto; CARVALHO, Lillian de Almeida. Prevalência de depressão nos idosos atendidos em uma unidade de saúde pertencente à Estratégia de Saúde da Família em Nova Lima/MG. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 10, n. 1, p. 491-499, ago. 2013.

REIS, Leonardo dos; PEREIRA, Sandra; CARDOSO, Lucilene; GHERARDI-DONATO, Edilaine. Transtornos Mentais Orgânicos em um Ambulatório de Saúde Mental Brasileiro. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Braga, v. 9, n. 1, p. 48-53, jun. 2013.

ROCHA, Fábio Lopes; FUZIKAWA, Cintia; RIERA, Rachel; HARA, Cláudia. Evidências sobre a combinação de antidepressivos na depressão maior. *Revista Diagnóstico & Tratamento*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 87-93, dez. 2013.

ROCHA, Bruno Simas da; WERLANG, Maria Cristina. Psicofármacos na Estratégia Saúde da Família: perfil de utilização, acesso e estratégias para a promoção do uso racional. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, p. 3291-3300, nov. 2013.

SOARES, Perla Figueredo Carreiro et al. Depression in elderly cared in basic health units. *Journal of Nursing UFPE*, Recife, v. 7, n. 9, p. 5453-5459, set. 2013.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta. Melancolia e depressão: um resgate histórico e conceitual na psicanálise e na psiquiatria. *Revista de Psicologia da UNESP*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 41-56, jun. 2005.

TORIJA, Juan Román Urbina et al. Síntomas depresivos en personas mayores: prevalencia y factores asociados. *Gaceta Sanitaria*, Barcelona, v. 21, n. 1, p. 37-42, enero/feb. 2007.

Recebido: 23/07/2014
Aceite Final: 17/02/2015